

Um novo olhar sobre o jardim: a fotografia como possibilidade de deslocalização do olhar

A new look over the garden: photography as a possibility of look delocalization

Una nueva mirada al jardín: la fotografía como posibilidad de deslocalización de la mirada

Rossano Silva
Universidade Federal do Paraná
rossano.degraf@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-1591-860X>

Cristiane Martins
Secretaria Municipal de Educação de Curitiba
cmcristie@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-0587-4888>

RESUMO

O presente artigo é parte de uma pesquisa que envolveu estudantes do 5º ano de uma Escola de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Curitiba, em uma intervenção pedagógica que fez uso da linguagem fotográfica como forma de repensar o olhar. O conceito de deslocalização do olhar foi norteador das atividades de produção e análises de imagens fotográficas, que tiveram por objetivo o desenvolvimento da compreensão crítica dos participantes. O aporte teórico da investigação baseou-se em autores ligados à educação da cultura visual e da fotografia como possibilidade educativa. A pesquisa de caráter qualitativo resultou em uma sequência didática e os dados coletados se constituíram de registros imagéticos e escritos. Os resultados apresentados demonstraram as possibilidades e os limites das pesquisas em educação com base na cultura visual, na apreensão dos participantes dos conceitos ligados à fotografia, análise e produção de imagens.

Palavras-chave: Cultura Visual. Fotografia e Educação. Deslocalização do Olhar. Ensino Fundamental. Ensino de Arte.

ABSTRACT

This article is part of a research that involved students of the 5th year of a Municipal Public Elementary School of Curitiba, in a pedagogical intervention that made use of photographic language as a way to rethink the look. Look delocalization concept has guided photographic images production and analysis activities that aimed to develop participants critical understanding. The theoretical contribution of the research was based on authors related to the education of visual culture and photography as an educational possibility. The

qualitative research resulted of a didactic sequence and the collected data consisted of imagery and written records. The results presented demonstrated possibilities and limits of researches in education based on visual culture, in the participants apprehension of concepts related to photography, analysis and image production.

Keywords: *Visual Culture. Photography and Education. Look Delocalization. Elementary School. Art Teaching.*

RESUMEN

El presente artículo es parte de una investigación que involucró a estudiantes de 5to año de una Escuela Primaria de la Red Pública Municipal de Curitiba, en una intervención pedagógica que utilizó el lenguaje fotográfico como una forma de repensar la mirada. El concepto de deslocalización de la mirada orientó las actividades de producción y análisis de imágenes fotográficas que tuvieron como objetivo desarrollar la comprensión crítica de los participantes. El aporte teórico de la investigación se basó en autores vinculados a la educación de la cultura visual y la fotografía como posibilidad educativa. La investigación cualitativa resultó en una secuencia didáctica y los datos recopilados consistieron en imágenes y registros escritos. Los resultados presentados demostraron las posibilidades y límites de la investigación en educación basada en la cultura visual, en la comprensión de los participantes de conceptos relacionados con la fotografía, el análisis y la producción de imágenes.

Palabras clave: *Cultura Visual. Fotografía y Educación. Deslocalización de la Mirada. Enseñanza Fundamental. Enseñanza de Arte.*

Introdução

O presente artigo é parte de uma pesquisa que envolveu o uso da fotografia como forma de desenvolver, em estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Curitiba, um olhar deslocalizado, com o objetivo de repensar as práticas do ver através da fotografia. O recorte escolhido traz as mudanças na produção de imagens fotográficas de crianças em relação a um espaço escolar, o jardim.

A intencionalidade é demonstrar como o ensino de arte, partindo dos pressupostos da educação da cultura visual, pode contribuir com mudanças nas formas de olhar e utilizar a linguagem fotográfica como possibilidade de produção de narrativas visuais. Considera-se que as imagens permeiam grande parte do cotidiano e atualmente se tornaram presentes de um modo significativo em nossa cultura, devido ao uso e desenvolvimento das tecnologias do olhar, entre elas, a fotografia. A presença da imagem no contexto escolar foi observada nessa investigação por meio das falas e produções imagéticas dos estudantes, que frequentemente reproduzem e repetem imagens sem a necessária reflexão e criticidade.

A metodologia do trabalho consistiu em uma sequência didática realizada com 29 estudantes. A investigação teve caráter qualitativo e caracterizado como uma intervenção pedagógica, que consistiu em sete encontros de 90min, realizados nos meses de junho e julho de 2018.

Para o recorte apresentado neste artigo, serão analisados os encontros que tiveram como objetivo criar e analisar as produções referentes ao novo olhar sobre o jardim escolar. Os conceitos utilizados na investigação derivam dos estudos da cultura visual, que pode ser definida, conforme Hernández (2000), pela necessidade de reconhecer a variedade de imagens, que se apresentam no cotidiano das pessoas, buscando identificar a influência que exercem no modo como participam do processo de construção de identidades. Cabe observar que, ao se referir ao conceito de cotidiano, a investigação considera pertinente as observações de Dias, quanto ao emprego do termo nas pesquisas sobre cultura visual. Para o autor, “[...], o termo *Everyday life* (cotidiano) foi pensado e empregado pelos teóricos anglófonos como sendo um campo ampliado do termo genérico “cotidiano” e indica o tempo/espço dilatado, no qual se dá toda a vivência de um ser humano e a relação espaço-temporal na qual se dá essa vivência” (DIAS, 2011, p. 23). Nesse sentido, entende-se o cotidiano dos estudantes como aquele tempo e espaço que incluiu sua vivência familiar, pessoal e escolar.

Para Mirzoeff “a cultura visual desvia nossa atenção de ambientes de observação estruturados e formais, como o cinema ou museus, e se concentra na experiência visual da vida cotidiana”¹ (MIRZOEFF, 2003, p. 25, tradução nossa). Para o autor, a vida cotidiana passou a estar atrelada à tecnologia, proporcionando novos modos de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Posição que entra em consonância com a pesquisa de Brandão (2016) que ao desenvolver uma investigação com estudantes do 9º do ensino fundamental de uma escola paulista, constatou que as imagens estão por toda parte, e essa presença deve-se a possibilidade de multiplicação e reprodução possibilitadas pelas tecnologias visuais. As tecnologias visuais, definidas por Mirzoeff como os aparelhos que aumentam as possibilidades da visão natural, passaram a ampliar a experiência visual cotidiana. Dessa forma, para Martins (2009), a ampliação da produção e a presença das imagens, propiciadas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais, enfatizam a potencialidade de

¹ “la cultura visual aleja nuestra atención de los escenarios de observación estructurados y formales, como el cine u los museos, y la centra em la experiencia visual de la vida cotidiana” (MIRZOEFF, 2003, p. 25).

disseminação “[...] em tempo real por meio de câmeras de celulares, câmeras fotográficas, computadores, criando *links* e tornando-as públicas”. (MARTINS, 2009, p. 34).

Mirzoeff alerta que “a visualização da vida cotidiana não significa que necessariamente conhecemos o que observamos”² (MIRZOEFF, 2003, p. 23, tradução nossa), pois diante da espiral imagética, proporcionada pelos meios de comunicação, as pessoas não possuem a necessária habilidade de análise, pois essa “não é uma qualidade própria do ser humano, mas uma capacidade aprendida relativamente nova.”³ (MIRZOEFF, 2003, p. 23, tradução nossa).

A necessidade de uma compreensão crítica das imagens apresenta-se pela necessidade de desnaturalizá-las, de deslocar o olhar para além das situações do cotidiano. Assim, o termo utilizado como destaque no título do artigo, “deslocalização do olhar”, pode ser entendido como um fim ao qual se objetiva o trabalho com produções fotográficas infantis nesta pesquisa.

O conceito é utilizado por Hernández (2011) que considera a necessidade de uma mudança do foco do olhar e do lugar de quem vê, pois para o autor os sujeitos normalmente possuem uma postura de recepção passiva ou um “olhar conformado” diante das imagens e dos discursos e narrativas mediados por elas. Assim, o olhar deslocalizado passaria a se posicionar de modo crítico, considerando as suas relações na interação com a imagem.

A deslocalização do olhar pode ser definida como um *modus operandi*, uma atitude de mudança de posição, em que o sujeito se coloca de forma ativa na relação de análise das imagens visuais e percebe seus modos de ver e ser visto. Na escola e no ensino de arte, a prática de deslocalização do olhar se faz tanto pela análise das imagens, sejam elas de arte, midiáticas e do cotidiano e também por meio da produção de narrativas visuais, dentre as quais pode-se pensar na fotografia. Portanto, no próximo item serão realizadas algumas considerações sobre a fotografia como possibilidade educativa.

Fotografia e educação – algumas possibilidades

Pensar no uso da fotografia na educação é um ponto fundamental nesta investigação, pois a fotografia possibilita que os estudantes percebam a sua presença

² “*la visualización de la vida cotidiana no significa que necesariamente conozcamos lo que observamos*” (MIRZOEFF, 2003, p. 18).

³ “no es una cualidad propia del ser humano, sino una capacidad aprendida relativamente nueva”. (MIRZOEFF, 2003, p. 23).

como sujeitos na criação de imagens. Contemporaneamente, muitas pessoas utilizam câmeras fotográficas e outros aparelhos, como os *smartphones*, que dispõem desse recurso. No entanto, seu uso frequentemente consiste em atos ausentes de reflexões, que repetem modelos e padrões impostos no cotidiano, e se complementam em compartilhamentos e acessos também que podem se tornar superficiais. Sobre esse contexto, Sánchez Moreno aponta: “para a maioria de quem vê e tira fotos, essas imagens são fins em si mesmas e não meios. Para a maioria de quem vê e tira fotos, a fotografia pode existir sem a necessidade de reflexão sobre o significado do ato fotográfico.”⁴ (SÁNCHEZ MORENO, 2007, p. 24, tradução nossa). Para o autor, embora tenham aumentado consideravelmente as possibilidades para se produzir imagens fotográficas, não se pode afirmar que os sujeitos possuem a consciência dos significados do ato fotográfico. Nesse sentido, Santaella (2012) explica que o desenvolvimento tecnológico e o fácil acesso a dispositivos fotográficos tornaram o ritual do ato fotográfico, antes restrito a alguns profissionais, um ato indiscriminado e banal, sendo que qualquer um pode produzir imagens padronizadas. Falta nesse processo a criatividade, a autonomia e a atenção no momento do registro. As potencialidades da presença da fotografia para o surgimento de um olhar mais atento ficam sufocadas por um olhar frenético e consumista, impregnado pela quantidade de imagens que invadem o cotidiano. Ao comentar suas percepções sobre a produção de fotografias dos estudantes e suas famílias, Zvingila (2013) afirma que é muito comum, ao acompanhar o trabalho de alunos, perceber que eles fotografam compulsivamente sem um critério. Uma tradição construída em muitas famílias que, ao passearem ou viajarem, utilizam da fotografia como um índice de memória. Em uma dinâmica que naturaliza o uso da fotografia na sociedade contemporânea, que fica explicitada nas ações dos alunos como uma forma de consumo das imagens.

Pelo exposto, compreende-se que a fotografia é um componente constitutivo da onipresença das imagens e, por isso, deve ser entendida como um processo para a construção do olhar do sujeito e não apenas um instrumento tecnológico. Para a constituição de uma compreensão crítica, o sujeito necessita compreender processos que permeiam a produção, a disseminação e a recepção das imagens fotográficas. Assim “o

⁴ “*para la mayoría de quienes ven y hacen fotos, esas imágenes son fines en sí mismos y no medios. Para la mayoría de quienes ven y hacen fotos, puede existir la fotografía sin necesidad de reflexionar sobre el significado del acto fotográfico.*” (SÁNCHEZ MORENO, 2007, p. 24).

horizonte para o qual se dirige não é o de um sujeito letrado, mas de um sujeito constituído como intérprete”⁵. (SÁNCHEZ MORENO, 2007, p. 25, tradução nossa).

Compreender o ato fotográfico é um dos objetivos deste trabalho, pois ele implica em perceber que a fotografia se constitui por tomada de decisões do fotógrafo que vai desde o enquadramento, a escolha do tema e a opção pela câmera fotográfica ou edições posteriores das imagens. Para Santaella "o ato de fotografar cria uma coreografia própria que se faz acompanhar de certa solenidade: as paradas, hesitações, os movimentos de escolha, as tomadas de decisão." (SANTAELLA, 2012, p. 75).

A presença das imagens fotográficas na infância faz-se de diversas maneiras, seja por meio dos registros de memória dos momentos e solenidades familiares, expostos por álbuns impressos ou virtuais, ou nas fotografias da mídia e da publicidade, divulgados em meios físicos ou digitais, acessíveis pelas tecnologias do olhar. “As fotos também migraram para as telas dos computadores. Com isso levam às últimas consequências características que a fotografia trouxe consigo desde seu nascimento: o nomadismo e a ubiquidade”. (SANTAELLA, 2012, p. 75). Essa presença constante de imagens fotográficas no cotidiano trouxe uma nova demanda para a escola, pois desde muito cedo as crianças estão expostas a essa presença. Ignorar essa condição é negar a mediação que ela possibilita ao trabalhar com a cultura visual no contexto escolar, porque a fotografia “pode ser considerada como uma das possibilidades de mediação, contato, registro e reflexão sobre o mundo – como são todas as formas de relação com o mundo empregadas pelo homem – que forma e dinamicamente (de)forma (altera), a percepção e o saber”. (GONÇALVES, 2013, p. 14).

A fotografia é uma linguagem que possui um amplo potencial no incentivo de repensar olhares. Ao pensar no uso de diferentes posicionamentos, composições, efeitos de luz e sombra, valorização de gestos e expressões possibilitados pela fotografia, o estudante pode desenvolver um olhar deslocalizado em relação às imagens do cotidiano, ampliando suas possibilidades de criação e expressão como sujeito.

Caminhos metodológicos

Essa pesquisa caracterizou-se pela possibilidade de compreensão e resolução de problemas educacionais, em consonância com os apontamentos de Lüdke e Andre (1986), os quais afirmam que a pesquisa em educação deve se aproximar do cotidiano do aluno e

⁵ “*el horizonte hacia el que se apunta no es el de un sujeto alfabetizado, sino el de un sujeto constituido em intérprete*”. (SÁNCHEZ MORENO, 2007, p. 25).

do professor. Destaca-se também a contribuição de Zeichner e Diniz-Pereira (2005), que consideram que a pesquisa em educação necessita estar vinculada com objetivos amplos que busquem a transformação social por meio da investigação realizada por docentes em seu contexto escolar. Assim, optou-se pela realização de uma pesquisa de caráter qualitativo, na qual os significados produzidos nas relações humanas se constituem como fundamento para a compreensão e interpretação dos dados. “É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa” (MINAYO, 1993, p. 244). Nessa perspectiva, a interpretação dos dados buscou descrever todas as peculiaridades das interações que se constituem como subsídio da análise.

Como mencionado no início do artigo, esta investigação caracteriza-se também como uma intervenção pedagógica que, para Damiani et al. (2013), compreende o planejamento e a implementação de interferências, que tragam mudanças e inovações no processo de aprendizagem dos sujeitos envolvidos. Ao investigar sua própria prática, tendo como referência os estudos acadêmicos que dialogam com o seu contexto, o professor se apropria desses referenciais e constrói práticas que se distanciam da mera repetição de atividades, assumindo um papel de protagonista em sua formação profissional.

Pelo exposto, a respectiva pesquisa teve como enfoque a análise e a compreensão das contribuições proporcionadas pela realização de uma sequência didática nas aulas de arte, que contemplou a inserção dos participantes no processo de produção de imagens fotográficas, bem como os colocou em situações de análise crítica para a construção de um posicionamento sensível e reflexivo.

O campo de pesquisa foi uma escola da Rede Pública e teve como participante uma turma do 5º ano do ensino fundamental. A instituição, no ano de 2018, atendeu aproximadamente 580 estudantes nos períodos da manhã e tarde, nas modalidades de educação infantil e ensino fundamental I. Participaram da pesquisa 29 estudantes de ambos os sexos, devidamente matriculados no período vespertino, na faixa etária entre 9 e 11 anos. Destaca-se que a intervenção pedagógica se propôs a trabalhar na disciplina de Arte com um conteúdo previsto pelas diretrizes de ensino do município e que fez parte do planejamento das aulas no ano de 2018. A escolha do 5º ano para a participação da pesquisa ocorreu pela possibilidade do trabalho com a linguagem fotográfica, previsto pelas Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba para o ensino de Arte (CURITIBA, 2006).

A coleta de dados ocorreu por meio de diferentes recursos, como dois questionários⁶, gravação em vídeo dos encontros, diário de campo e fotografias; tais instrumentos tiveram por objetivo analisar a relação dos participantes com os encaminhamentos propostos na intervenção pedagógica, que foi realizada em sete encontros de aproximadamente 90 minutos, utilizando diferentes abordagens de aprendizagem como: análise de imagens, aula de campo, aula expositiva e exposição dos trabalhos. Para o artigo, foi analisada parte da sequência, que se destinou a promover um novo olhar sobre o jardim da escola, demonstrando as mudanças na percepção e da produção das imagens referentes a esse local.

Deslocalizando o olhar do jardim escolar

No segundo encontro, realizado no dia 8 de junho de 2018, ocorreu a primeira experiência em relação ao olhar dos participantes sobre o espaço escolar do jardim. Nesse encontro, eles foram divididos em três duplas que saíram com o acompanhamento do pesquisador; os demais estudantes estavam em atividades com a professora da disciplina de Artes. Após orientações sobre o uso da máquina fotográfica, os participantes foram orientados a realizar cinco fotografias do espaço. Dentre os motivos escolhidos, as flores foram um dos temas mais captados pelos estudantes, conforme apresentado na FIGURA 1.



Figura 1 - Fotografias iniciais do jardim escolar
Fonte: MARTINS (2019, p. 80).

⁶ Registro na Plataforma Brasil: 87302418.9.0000.0102. Foram aplicados dois questionários, um no início da intervenção pedagógica e outro no final, com o objetivo de captar as mudanças de percepção dos participantes sobre a fotografia e seu papel no cotidiano. Pelos limites do artigo, não serão analisados de forma ampla as respostas; um estudo mais detalhado sobre as posições reveladas pode ser visto em Martins e Silva (2020).

Ao observar a postura dos participantes no momento de realização das imagens, percebeu-se um olhar apressado e pouco preocupado em pensar as possibilidades do tema. Nas fotografias das flores apresentadas na figura 1, temos as imagens produzidas por quatro participantes, nas quais percebe-se poucas variações de enquadramento e de composição fotográfica, e ao analisar com os participantes os resultados, percebeu-se que poucos identificaram suas próprias fotografias, o que nos sugere os riscos da produção e o consumo excessivo de imagens sem reflexão.

No terceiro encontro, realizado no dia 15 de julho de 2018, ocorreu a análise da produção fotográfica do encontro anterior. As imagens foram separadas por temas e inicialmente a pesquisadora deixou que os alunos expressassem sua opinião sobre cada imagem. Percebeu-se que inicialmente as expressões "show", "ótimo", "legal" e "bonito" foram as mais utilizadas pelos participantes. Após esse momento, os participantes foram incentivados a ampliar suas análises sendo questionados em relação ao enquadramento, à iluminação, aos planos da imagem, à possível posição do autor e a sensações provocadas. Partindo dessas proposições, observou-se uma análise mais atenta dos alunos, que procuraram analisar as imagens para além do tema.

Segundo Hernández, a apreciação das imagens se dá pelo "efeito e a compreensão que se produz no espectador" (HERNÁNDEZ, 2000, p. 114), que parte dos estágios da apreciação estética de Parsons como uma das maneiras de entender a compreensão dos sujeitos sobre as manifestações da cultura visual. Ao descrever os cinco estágios de apreciação estética de Parsons, o autor os conceitua da seguinte forma:

1. Favoritismo: Define-se como o da valorização empática tanto com a forma como com a narrativa da representação. [...].
2. Beleza e realismo: Define-se como o da identificação do grau de semelhanças (mimesis) entre a representação e a realidade. [...].
3. Expressão: Define-se em relação à experiência causada no espectador pela expressividade refletida na obra de arte. [...].
4. Estilo e forma: O que se destaca nessa etapa é que o significado da obra artística é mais social que individual. [...].
5. Autonomia: [...] Produz-se, portanto, uma conceitualização da representação que relaciona o ponto de vista individual de uma crítica consciente com as classificações culturais. [...]. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 115-116).

Com base nos estágios, pode-se definir que os níveis de compreensão expressos pelos participantes na leitura das fotografias estavam em consonância com os estágios de "favoritismo" e "beleza e realismo". O favoritismo ficou evidenciado diante da empatia gerada pela visualização da imagem dos colegas, na qual percebeu-se a valorização dos

vínculos mais significativos. A compreensão relativa ao segundo estágio foi verificada especialmente em relação ao tema flores, nos quais os participantes demonstraram valorizar as imagens com uma representação mais objetiva do tema fotografado, incluindo a tomadas de pontos de vista e o reconhecimento imediato do tema.

Com o objetivo de provocar uma compreensão ampliada do olhar, nos encontros 4 e 5 foram abordadas diferentes possibilidades de produção da imagem fotográfica por meio da exposição de trabalhos de artistas e fotógrafos. No encontro 4, realizado em 22 de junho de 2018, foram explorados elementos e técnicas para a produção fotográfica como iluminação e principalmente o enquadramento; a aquisição e a apropriação desses conhecimentos pelos participantes são importantes. O enquadramento foi um dos elementos destacado, pois está associado às opções de olhar e ao posicionamento no ato fotográfico, permitindo uma postura mais ativa no processo de produção da imagem.

Uma das participantes destacou que no visor da câmera "aparece o que a gente escolheu para fotografar". Para auxiliar na análise dos elementos da fotografia, foram oferecidas aos participantes pranchas com fotografias dos artistas João Roberto Ripper, Walter Firmo, Orlando Azevedo e Rosa Gauditano. Elas foram escolhidas, buscando abranger uma variedade de temas que possibilitou a observação de diferentes composições e olhares. Nas imagens selecionadas, foram analisados aspectos referentes aos motivos e temas, bem como os elementos da composição fotográfica, em especial o enquadramento.

Após a exploração das imagens, foi proposta uma atividade com ênfase no enquadramento, em que cada um dos participantes recebeu um visor feito em papel cartão preto, com o objetivo de testar as possibilidades de enquadramento sem a preocupação em criar uma imagem. Inicialmente, o exercício foi realizado em sala, e posteriormente no jardim da escola, como pode ser visto na FIGURA 2.



Figura 2 - Enquadramento no jardim da escola

Fonte: MARTINS (2019, p. 98).

Inicialmente, percebeu-se que o comportamento dos participantes foi muito parecido com a da primeira experiência em fotografar o jardim, a procura por mesmos temas e pouca preocupação em pensar a imagem. Mas passada a euforia inicial, notou-se um olhar mais atento e a procura por outros pontos de vista e de outros elementos, como texturas e sombras.

No encontro 5, realizado no dia 29 de julho de 2018, foi proposta uma pesquisa sobre a intervenção urbana "Polaroides (In)visíveis", do artista goiano radicado em Curitiba Tom Lisboa⁷. Em sua proposta, o artista distribuiu em diversos pontos da cidade de Curitiba papéis com um *layout* que simulavam a forma das polaroides, mas que no lugar de conter imagens, levavam textos que descreviam um ponto de vista da paisagem urbana, os quais, na visão de Lisboa, seriam detalhes que normalmente passavam despercebidos pela grande maioria dos frequentadores daquele espaço.

A escolha da intervenção artística deu-se pela ênfase atribuída pelo artista ao olhar pensado sem o equipamento fotográfico. Após a pesquisa do projeto e do que era uma polaroide, os participantes retornaram ao jardim com o objetivo de criar suas próprias "polaroides (in)visíveis".

⁷ Informações e imagens do projeto podem ser acessadas no seguinte endereço eletrônico: <https://www.sintomnizado.com.br/polaroides.htm>.



Figura 3 - Registro das polaroides (in)visíveis, criadas pelos participantes
Fonte: MARTINS (2019, p. 105).

Na FIGURA 3, tem-se dois dos resultados obtidos da produção dos participantes de suas polaroides, cujas fotografias foram feitas pela pesquisadora, seguindo as instruções indicadas pela escrita dos participantes. O primeiro texto⁸ traz a seguinte instrução: “Preste atenção esa árvore esta triste olhe para cima você ve uma boca triste ou uma montanha”; no segundo lê-se a seguinte descrição: “Olhe para cima e veja as manchas no teto!”. No primeiro exemplo, tem-se a associação da imagem da árvore a um sentimento de tristeza ou então a uma nova forma, o que demonstra a relação com os estágios de "favoritismo" e "beleza e realismo". O segundo exemplo parece atentar mais a uma forma diferente e abstrata ou a um detalhe inusitado no espaço que seria pouco percebido por aqueles que o utilizam, o qual poderia estar relacionado ao estágio de “expressão”, por se relacionar ao aspecto expressivo da forma. Observa-se nesses resultados um olhar mais atento aos detalhes com um maior desprendimento e espontaneidade na observação do espaço com a indicação de temas variados para compor as imagens.

No encontro 6, realizado em 6 de julho de 2018, os participantes retornaram ao jardim com o objetivo de produzir novas imagens do espaço. Foi indicado que produzissem cinco fotografias, sendo um autorretrato, um retrato e três imagens de livre escolha. Foi possível observar uma mudança na maneira de produzir as imagens com escolhas mais pensadas e posicionamentos diversos, como se observa na FIGURA 4.

⁸ Será mantida a grafia original dos textos dos participantes.



Figura 4 - Posicionamento dos participantes no ato de fotografar

Fonte: MARTINS (2019, p. 107).

Como exemplificado, as posturas e enquadramentos tornaram-se mais diversificados, com um olhar mais atento às possibilidades de criação das imagens fotográficas. Em relação as três fotografias livres que os participantes produziram, percebeu-se ainda um grande interesse pelas flores, mas agora a partir de um olhar mais atento. Alguns dos participantes optaram por montar composições, enquanto outros optaram por usar outros enquadramentos, buscando novas posições e detalhes em suas composições, valorizando aspectos como as cores, as sombras e as texturas.



Figura 5 - Fotografias do jardim escolar

Fonte: MARTINS (2019, p. 109).

As novas imagens, produzidas pelos participantes, trouxeram um outro olhar sobre os temas que abordaram inicialmente na intervenção pedagógica. Observou-se uma atenção maior ao enquadramento, com a aproximação do motivo e escolha de diferentes ângulos, possibilitando composições mais diversas e instigantes, nas quais, percebeu-se uma maior valorização de aspectos como luz e sombra e pontos de vista mais variados.

Reflexões sobre o novo olhar

No sétimo encontro, foi realizada a exposição de todas as imagens produzidas pelos participantes, que foram projetadas por *data show*, e os partícipes foram convidados a tecer observações sobre o processo, pensando nos aspectos de enquadramento, iluminação, posicionamento e tema.

Na conversa entre os participantes e a pesquisadora, os integrantes realizaram associações com as formas representadas nas imagens, mencionando que essas: "parecem algas", "parece o fundo do mar", "parece uma minhoca". Tais observações remetem aos estágios de favoritismo, que é caracterizado pela empatia e pela procura de elementos reconhecíveis. Outro aspecto enfatizado pelos participantes foi que cada "pessoa possui um olhar diferenciado" sobre o mesmo tema, o que se aproxima das reflexões de Hernández ao mencionar que os "[...] objetos artísticos, as imagens na(s) cultura(s), aparecem assim não como unidades e variáveis formais, mas como unidades discursivas abertas para serem completadas com outros olhares, e portanto, com outros significados". (HERNÁNDEZ, 2000, p. 107). As falas dos participantes revelaram que o processo de ver está relacionado com as experiências e as subjetividades de cada sujeito, e que a intenção do criador da imagem nem sempre é aquela percebida pelos observadores. Como pode ser exemplificado pela FIGURA 6.

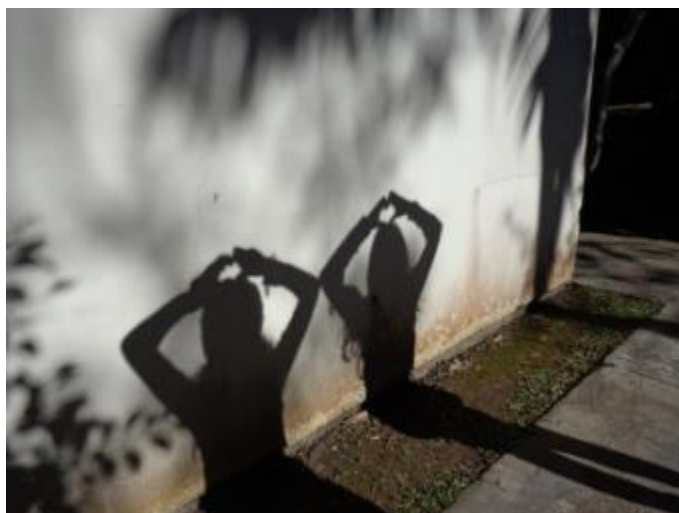


Figura 6 - Experimentação fotográfica com sombras
Fonte: MARTINS (2019, p. 109).

No diálogo entre os participantes e a pesquisadora, o grupo que produziu a imagem da FIGURA 6 mencionou que sua intenção era destacar a forma de coração, produzida pela sombra, mas antes dessa menção, os demais aludiram que a imagem parecia com dois olhos. Ao observar o processo de análise dos participantes em relação às imagens, percebeu-se que esses o encararam como um jogo de descobertas e desafios entre os criadores das imagens e os observadores, demonstrando a curiosidade e o interesse pelas próprias imagens e com as dos colegas. Destaca-se também que houve um olhar mais demorado em relação às imagens, e tal constatação aproxima-se das considerações de Flusser sobre o “escanear” a imagem. Para o autor, “quem, quiser ‘aprofundar’ o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir a sua vista vaguear pela superfície da imagem. Tal vaguear pela superfície é chamado *scanning*.” (FLUSSER, 2002, p. 7).

No momento posterior à análise das imagens, os participantes foram convidados a responder ao questionário final, composto por cinco questões abertas, que teve por objetivo analisar suas compreensões sobre a fotografia. A primeira questão “o que é fotografia para você?”, evidenciou, na resposta de 16 participantes, a relação entre a fotografia e o sujeito do ato fotográfico e teve a citação de termos como: criatividade, enquadramento, expressão e olhar. Destaca-se a seguir algumas das respostas: “é o olhar da pessoa, quando a pessoa olha e vai lá e tira a foto”; “uma arte, uma maneira de demonstrar o que a gente pensa”; “a fotografia é brincar com as sombras, com o enquadramento, com as maneiras diferentes dos olhares”; “uma forma de se expressar

com os outros". As respostas revelaram a valorização do sujeito e sua relação com o outro, refletindo sobre a fotografia como um processo artístico e criativo, detentor de uma intenção e de uma mensagem, o que se alinha com as considerações de Hernández: "Só se interpreta quando se entende o produto como portador de um conteúdo (ou intenção), ou seja, como objeto gerado por alguém em algumas circunstâncias, com a intenção de manifestar algo". (HERNÁNDEZ, 2000, p. 124).

Ainda na primeira questão, dez participantes estabeleceram a relação da fotografia com os registros de memória, como pode ser observado nas seguintes menções: "uma forma de guardar lembranças boas e imagens bonitas"; "é um modo de lembrar de algo e alguma prova de um acontecimento"; "é uma maneira de lembrança de momentos felizes"; "é um arquivo que você tira foto e é salvo como uma memória". Tais considerações se associam ao uso cotidiano da fotografia na ambiência familiar dos participantes, na qual a fotografia faz parte das ações de construção da memória familiar.

A questão dois foi repetida do questionário inicial, realizado antes da intervenção pedagógica e teve por objetivo perceber mudanças em relação ao papel da imagem fotográfica, questionando "para que serve uma fotografia?". Ao comparar as respostas dos participantes da questão nos dois questionários, percebeu-se que não houve uma alteração significativa, pois como apontou o questionário inicial, a maioria dos participantes relacionou a fotografia com a memória, como forma de guardar lembranças. Tal consideração permite refletir sobre o cotidiano nas experiências de visualidade da criança e a relação mais objetiva com seus fins. Nas respostas foram citados momentos importantes no convívio familiar, como datas especiais e festas. Duas respostas mencionaram a relação entre a fotografia e os meios digitais: "para lembrar aquele dia importante, guardar e publicar"; "para guardar os arquivos e postar nas redes sociais".

A terceira questão mobilizou as opiniões dos participantes em relação ao que cria uma fotografia e quais as características que constroem uma imagem, questionando: "o que você considera uma fotografia bem-feita?" Em quinze das respostas, percebeu-se que os elementos discutidos durante a intervenção se fizeram presentes nas descrições dos participantes, que evidenciaram termos como: "ângulo", "criatividade", "enquadramento" e "olhar diferenciado". Para onze partícipes, termos como: "bonito", "linda" e "fofa" seriam características necessárias para compor uma imagem e as relações com a tecnologia e os aparatos visuais foram evidenciados por quatro integrantes, que mencionaram a necessidade da câmera e da edição como elementos importantes.

A questão quatro, que também fez parte do questionário inicial, perguntou: "o que é necessário para se fazer uma foto?" Como resposta, vinte e dois participantes apontaram a importância do sujeito na produção de imagens fotográficas, como se pode perceber nos comentários transcritos: "o olhar, o enquadramento e algo legal para tirar a foto"; "uma câmera, observar as coisas antes de tirar a foto, escolher algo bonito"; "câmera, uma coisa legal, criatividade e um fundo que faça pensar". Em sete respostas, o equipamento fotográfico e o tema foram considerados como essenciais, desconsiderando a ação do sujeito: "uma câmera e uma paisagem boa"; "uma câmera e um celular e às vezes uma pose"; "uma câmera, uma pessoa e um lugar com qualidade". Ao comparar as observações realizadas no questionário inicial, percebeu-se uma mudança em relação ao sujeito que anteriormente em apenas quatro respostas havia sido mencionado.

A quinta questão, a última do questionário, indagou aos participantes sobre seu processo de aprendizagem, questionando: "o que você aprendeu participando do projeto?" Nas respostas de todos os participantes, conceitos abordados na intervenção se fizeram presentes e as avaliações foram positivas, sugerindo até mesmo a continuidade do projeto. Algumas falas destacaram a ação do sujeito no ato fotográfico, como nos exemplos transcritos: "que a fotografia não serve só para guardar lembranças, também para ver o mundo, pensar para tirar uma foto"; "que precisa do seu olhar, e que uma foto pode ser mais que uma foto, pode ser até uma brincadeira"; "sobre fotografias, enquadramentos, como o seu olhar é necessário e outras pessoas podem olhar"; "que cada um tem um olhar diferente, que você pode olhar algo em ângulo diferente"; "que com a fotografia você pode mostrar uma coisa que só você viu e ninguém mais viu".

A análise das imagens e dos questionários demonstraram que após a intervenção pedagógica houve mudanças e permanências sobre a relação dos participantes com a fotografia. Essas considerações remetem às observações realizadas por Tourinho sobre os objetivos da educação da cultura visual na escola:

As imagens contam de nós, dos outros, para nós, para outros. A natureza dinâmica das práticas do ver, na atualidade, cria novas responsabilidades para a escola. De fundamental importância para a educação da cultura visual é o papel da escola no empoderamento de professores e alunos para agenciar diferentes percursos de produção e significação sob perspectivas inclusivas que dilatam o olhar pedagógico e educativo sobre as imagens. (TOURINHO, 2011, p. 4).

Nesse sentido, destaca-se que as visualidades do cotidiano são fundamentais para o exercício de uma compreensão crítica da imagem, que será ampliada com o repertório cultural mediado pela escola, que ao promover mudanças deve levar em consideração as permanências trazidas pela cultura familiar e das ambiências das crianças, buscando ampliar a compreensão crítica das imagens do cotidiano e daquelas trazidas pela escola sem descartar o repertório cultural da criança.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve por objetivo promover a deslocalização do olhar dos participantes, e partiu da necessidade verificada no cotidiano escolar de possibilitar a produção e análise de imagens a partir de uma perspectiva que considere o sujeito como elemento fundamental dessas práticas. Buscou promover a relação entre cultura visual e educação como uma possibilidade de intervenção nas práticas escolares, que muitas vezes apresentam um olhar conformado frente à presença massiva das imagens no cotidiano.

A intervenção pedagógica procurou ressaltar a ação do sujeito no ato fotográfico, que poderia ser transferido para qualquer outro recurso de produção imagética, fazendo seus participantes apropriarem-se dos elementos constitutivos e culturais dessa linguagem, levando-os a se reconhecerem como sujeitos na criação de suas imagens e a considerar o outro.

A escolha da fotografia como possibilidade educativa deu-se pela familiaridade dessa com a visualidade dos participantes e da crescente relação dessa linguagem com as tecnologias que também se aproximam do cotidiano familiar e escolar. Ao se dedicar a observar um espaço conhecido dos participantes, buscou-se promover um novo olhar para esse cotidiano que poderia ser mais criativo e sensível, indo além de uma visualidade apressada e conformada.

Os dados analisados e trazidos nesse artigo permitiram verificar como a intervenção conseguiu alcançar os objetivos aos que se propôs. Trazendo o diálogo entre sujeito e imagem, foi possível perceber mudanças na forma de produção imagética que de certa forma foram mais significativas que as apontadas no discurso dos participantes.

A compreensão sobre o lugar da fotografia, alcançada pelos participantes, apresenta certa continuidade do entendimento e do uso no ambiente familiar, pois a construção da memória e não de uma narrativa visual é a função primordial da fotografia. Predominou a concepção exposta por Bourdieu (2003) sobre as convenções da produção

da imagem fotográfica, na qual são valorizados a alegria, a apresentação pessoal e os posicionamentos adequados para o contexto social.

Alguns dos participantes, mesmo ao final da intervenção pedagógica, não se perceberam como sujeitos no ato fotográfico, atribuindo a fatores externos a criação da imagem. Posicionamento muito diferente do observado durante as práticas de criação, nas quais se percebeu a apropriação dos conceitos e de uma postura mais ativa na produção imagética.

De modo geral, é possível afirmar que o novo olhar para o jardim escolar mudou a postura antes automática e apressada para um olhar demorado e atento aos detalhes. O diálogo com artistas, como Tom Lisboa, trouxe aos participantes um novo repertório imagético, que os auxiliou a repensar sua relação com o entorno cotidiano. O que lhes permitiu observar esse espaço sob novos e múltiplos pontos de vista, revelando autores mais autônomos em relação à produção de suas imagens.

Em relação às análises, apesar de constatar que os estágios de favoritismo e beleza e realismo ainda foram uma constante, percebeu-se a apropriação dos participantes de novas suposições e questionamentos, demonstrando uma tentativa de compreensão crítica da cultura visual. Essas observações permitem concluir que há a necessidade de ampliação do trabalho com a imagem no ambiente escolar, pois não seria possível em tão pouco tempo promover alterações mais significativas, embora as conseguidas tenham demonstrado o interesse das crianças pela imagem, tanto em observá-las como em produzi-las.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Arte medio, un ensayo sobre los usos sociales de la fotografía**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.

BRANDÃO, Maria Aparecida de Oliveira. **Cultura Visual e a Formação do Olhar: desafios conceituais e didáticos para o currículo escolar**. 187 folhas. Orientador: Fernando José de Almeida. Tese. Doutorado em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2015.

CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes curriculares para a educação municipal de Curitiba**. v. 3. Ensino Fundamental. Curitiba: SME, 2006.

DAMIANI, Magda Floriana et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 45, p. 57-67, jul./ago. 2013.

DIAS, Belidson. Cotidiano, prática escolar e visualidades: o cotidiano espetacular e as práticas pedagógicas críticas. In.: TOURINHO, Irene (Org.). **Cultura Visual e Escola**. Brasil, MEC, TV ESCOLA. Ano XXI, Boletim 9, 2011.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

GONÇALVES, Tatiana Fecchio. A fotografia como possibilidade poética. In: GONÇALVES, Tatiana Fecchio. **Eu retrato tu retratas**: conjugações entre fotografia, educação e arte. RJ: Wak Editora, 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011.

LISBOA, Tom. **Polaroides (In)visíveis**. Disponível em:
<https://www.sintomnizado.com.br/polaroides_cidades>. Acesso em: 25 maio 2019.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Cristiane. **A fotografia como subsídio para a construção do olhar criativo**. Orientador: Rossano Silva. 148 folhas. Dissertação. Mestrado em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

MARTINS, Cristiane e SILVA, Rossano. O que é necessário para se fazer uma fotografia: percepções de estudantes do 5º ano do ensino fundamental. In: SOUSA, Ivan Vale de. (Org.). **Arte Comentada 3**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020, p. 24-33.

MARTINS, Raimundo. Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. **VIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UNB**, Brasília, v. 8, n. 1, jan./jun. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade? **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9. n. 3, p. 239-262, 1993.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

SÁNCHEZ MORENO, Jesús Ángel. Cautivos en la sociedad del espectáculo: una aproximación a la didáctica crítica de la mirada. **Con-ciencia Social**, Sevilla, Espanha, v. 11, p. 15-33, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

TOURINHO, Irene. **Cultura visual e escola**. Brasil, MEC, TV ESCOLA. Ano XXI, Boletim 9, 2011.

ZEICHNER, Kenneth M.; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, 2005, p.63-80, maio/ago.

ZVINGILA, Edward. Fotografia nos estudos do meio. In: GONÇALVES, Tatiana Fecchio. **Eu retrato tu retratas**: conjugações entre fotografia, educação e arte. RJ: Wak Editora, 2013.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Lilimar Wissmann de Oliveira*

Submetido em 26/09/2020

Aprovado em 22/02/2021

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)